

Quando medicar é não dizer: a subjetivação tamponada no mal-estar docente.

Roberta Freire

Paula Porto

A medicalização da infância é um tema cada vez mais presente no cenário educacional. Medicalizar as crianças, nos coloca a pensar sobre a tentativa de apagamento da subjetividade do sujeito e sobre o mal-estar que permeia a prática docente.

Segundo Carneiro e Coutinho (2018), os alunos que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem são ligados ao discurso médico e à patologização da educação, não mais estendendo o olhar da escola sobre a possibilidade destas dificuldades como parte do processo de aprendizagem e do ato de ensinar.

Assim, torna-se importante reflexões sobre os motivos que possam determinar, dentro do processo de escolarização, o encaminhamento de crianças e adolescentes aos serviços de saúde. Menos se escuta o que os jovens e as crianças têm a dizer a partir do momento em que outros discursos falam por eles (PAIS; MENEZES; NUNES, 2016, p.7).

Considerando que a prática docente na contemporaneidade é, muitas vezes, marcada por um discurso de descontentamento, esta tornou-se um processo de mal-estar. Supomos, a partir de Freud (1930) que o mal-estar diz respeito ao laço social.

Este artigo busca propor reflexões sobre quais podem ser as fontes do mal-estar docente na escola que corroboram com o encaminhamento para a área médica dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Por meio do discurso dos professores, busca-se compreender como estes sujeitos lidam com seus alunos, reconhecem e nomeiam o mal-estar diante do discente que não apresenta um processo de aprendizagem esperado.

A fim de sustentar teoricamente este trabalho foi escolhida a teoria psicanalítica e conceitos dos estudos de Freud por considerar fundamental pensar sobre a influência do inconsciente no comportamento humano e na subjetivação da esfera psíquica do sujeito.

Para Freud, questões podem ser elucidadas a partir da existência do inconsciente e suas influências nas produções de sintomas, portanto, o conceito freudiano de mal-estar permeia as tentativas “normalizantes” do viver em sociedade. Ao considerar o inconsciente, é possível intervir na presença do mal-estar nos sujeitos e nas suas interações. Ao não o considerar, abre-se uma lacuna entre o real e ideal na qual o discurso biologizante e medicalizante “cai como uma luva” neste lugar que os sujeitos insistem em preencher.

O presente estudo tem como objetivo propor reflexões sobre a relação entre mal-estar docente e medicalização no processo de ensino-aprendizagem a fim de observar as possíveis questões que permeiam as relações professor-aluno e investigar quais dos conceitos freudianos encontram-se relacionados ao crescente número de encaminhamento médico das crianças com dificuldades de aprendizagem. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica, principalmente, dos escritos freudianos.

A Psicanálise se torna a base teórica desta pesquisa uma vez que proporciona ir ao encontro da subjetividade para compreender o fato de sermos sujeitos subjetivos, pulsionais, inconscientes e conscientes.

A presença do mal-estar e da medicalização infantil é um tema presente no cenário educacional. Medicalizar as crianças, remete-nos a pensar sobre o atravessamento do mal-estar dos professores no exercício de suas funções como uma tentativa de apagamento da subjetividade dos sujeitos e da imposição de normativas de comportamentos.

A Psicanálise, ao trazer a descoberta do inconsciente como uma instância psíquica capaz de influenciar o comportamento, ressalta a subjetividade existente em cada indivíduo. Para Freud (1930, p. 19-20), a vida por si só é difícil para o ser humano, ao fazê-lo deparar-se com dores, imprevistos e frustrações. “Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos: [...] poderosas diversões [...], gratificações substitutivas que a diminuem, e substâncias inebriantes que nos tornam insensíveis a ela.”

Pode-se perceber que houve, há e haverá uma tentativa de tamponamento desse mal-estar inerente à realidade. A cultura vem auxiliar a tentativa de normatização de comportamentos quando impõe ao ser humano restrições ao instinto. Assim, “[..] o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (FREUD, 1930, p.53).

A busca inconsciente do ser humano por uma estabilidade deliberada pelo idealismo acarreta o emergir do mal-estar quando este se depara com as instabilidades da realidade e a falta estrutural do sujeito.

Negar a realidade da presença do mal-estar na estruturação do sujeito, bem como do imprevisível e da instabilidade humana é negar a existência e ação do inconsciente, o qual é impossível controlar ou normatizar.

A Psicanálise freudiana proporciona esse encontro com o mal-estar e com a falta estruturante como algo que faz parte do processo de subjetivação existente nos seres humanos. Já a lógica da medicalização parte de um outro e diferente lugar considerando mais o biológico, a doença do que o sujeito, transformando e reduzindo, neste caso, a criança na doença.

Particularmente, os estudos de Freud e seus conceitos vieram mostrar que não há como controlar o inconsciente e subjetividade existentes nos sujeitos, sendo, então, muito menos provável aceitar a realidade do mal-estar e do imprevisível que tanto atravessam e permeiam a prática docente.

A negação e a angústia perante o encontro com a existência do mal-estar e da imprevisibilidade que interrompem a normatização, abrem espaço para a inserção da lógica medicalizante na escola, a fim de abrandar e normatizar comportamentos, bem como neutralizar o mal-estar no cenário educacional.

Conforme a compreensão de Freud, entre o mestre e o educando há um processo de laço social cujo referido autor conceitua como transferência.

Os conceitos freudianos de transferência, contratransferência, inconsciente e mal-estar, colaboram para a reflexão sobre quais fatores têm tangenciado a prática docente e seu alunado e de que forma professores e alunos lidam com tal atravessamento.

Tal perspectiva freudiana contribui para a investigação dos referidos conceitos na relação professor/aluno - mal-estar/medicalização, uma vez que proporciona ir ao encontro da compreensão dos sintomas, desnudando o tamponamento medicalizante da subjetividade psíquica humana.

O que é preciso pensar é que, se entendermos esses sintomas, cada vez mais o espaço para a medicalização pode tender a diminuir. Portanto, essa é a importância de estudar a medicalização na educação, uma vez que o ideal se confunde com o real, em especial, no processo de ensino-aprendizagem. Torna-se inevitável o questionamento sobre como é possível ter um padrão de ensino, de aluno, de professor se somos sujeitos do inconsciente, desejantes e faltosos.

Somos seres biologicamente da mesma espécie, mas carregados por uma subjetividade que nos diferencia. Não é só o corpo físico a representar essa diferenciação, mas, também, a atuação subjetiva do corpo pulsional.

O processo da aprendizagem não será idêntico em todos, até mesmo porque nem as estruturas neurobiológicas funcionam da mesma maneira. Cada sujeito parte de uma estrutura geral similar, mas não igual, porque a subjetividade, inegavelmente, se encontra presente. Por que deixarmos tamponar os sintomas e predominar o corpo biológico e sua medicalização? O mal-estar deve ser percebido como algo esperado. A psicanálise traz esta compreensão quando afirma que este faz parte da estruturação do sujeito.

A tensão entre ideal e real prejudica a leitura do mal-estar, pois ainda se acredita, na educação, existir um método e uma aprendizagem perfeita, que conseguirá dar conta de várias questões.

A lógica medicalizante traz a crença de ser possível dar conta de tudo e, então, também, de solucionar tal mal-estar entre professor e aluno.

Esbarrar nessas questões na prática docente é angustiante, pois a formação dos professores tende à idealização. Desta forma, criam-se cartilhas, planejamentos, projetos político pedagógicos como se fosse possível atingir uma prática e um alunado ideais.

A Psicanálise proporciona esse encontro com o mal-estar e do encontro com a falta, como algo que faz parte do processo e que não há como evitá-la. Já a lógica medicalizante parte de um outro lugar que reduz o sujeito à doença.

Partindo do conceito, por exemplo, de contratransferência, este estaria atrelado à posição do professor frente ao seu aluno, a partir do lugar que o discente ocupará no inconsciente docente, alavancando um potencial de percepção embaçada deste sujeito: o aluno.

A partir do pressuposto, então, poder-se-ia considerar a contratransferência um fator para contribuir com o mal-estar docente e, conseqüentemente, com o encaminhamento médico discente, em virtude do turvamento traçado pela ação do inconsciente, podendo ser um gatilho para o discurso medicalizante se instalar, a fim de garantir o recalque deste "inadmissível" posicionamento frente ao ideal de professor.

Então, seria necessário, para tentar escapar da contratransferência que o professor possa ter, a noção da importância de não questionar somente o outro, mas, também, a si mesmo e "[...] aprofundar o questionamento sobre o outro, desconfiar das explicações simplificadas [...]", a fim de ser possível entender que o psíquico percorre caminhos complexos." Conforme referida autora, percorrer a obra freudiana torna-se imprescindível para que a ligação da psicanálise com a educação possa elucidar tais questões (CARNEIRO, 2016, p. 358-359).

Portanto, conhecer o contexto da prática docente, das relações professor-aluno e proporcionar um ambiente de escuta na escola do corpo docente, bem como perceber o que permeia o dia a dia da prática escolar é fundamental para enxergar a subjetividade das relações que constroem o cenário educacional e distanciar seu tamponamento pela via medicalizante.

CARNEIRO, Cristiana. Quem é o outro, o diferente? Reflexões sobre psicanálise e educação. Revista Educação Especial | v. 29 | n. 55 | p. 351-360 | maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/15286/pdf>. Acesso: 29/01/2021.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 109-129, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200007&lng=pt&nrm=iso> Acesso: 29/01/2021.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). In: Obras completas, volume 18 Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PAIS, Sofia Castanheira; MENEZES, Isabel; NUNES, João Arriscado. Saúde e escola: reflexões em torno da medicalização da educação. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 32, n. 9, e00166215, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000905009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02/10/2020.